

## **DELICADAS RELAÇÕES DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE**

Ely Dolores Martini

### **RESUMO**

A pesquisa emerge da dissertação de Mestrado em Educação Na UNIVALI – Itajai- SC. O desafio é cruzar o dispositivo da sexualidade com o dispositivo pedagógico no sentido de fazer ver e falar através da imagem-movimento, identificando em que momentos o filme “Delicada Relação” e a fala das entrevistadas confirmam ou resistem ao dispositivo da sexualidade. O filme analisado foi produzido em Israel e conta a história de amor vivida por dois soldados. Não é o enredo do filme com seus personagens que interessam, mas o campo de problematização que a experiência vivida no filme permite pensar. Foram selecionadas e analisadas quatro cenas do filme e a recepção de um grupo focal de oito alunas do mestrado em educação da UNIVALI- Itajaí- SC. Elegemos a filosofia de Foucault como maior referência. Um procedimento metodológico dotado de aspectos qualitativos e observação participativa na análise do filme e também na recepção. O processo de análise das cenas temáticas conta com a especificidade da linguagem cinematográfica articulada pelos três atos: enquadramento, decupagem e montagem. Esta delicada relação, no seu todo, na sua existência, de alguma forma resiste ao dispositivo da sexualidade ao mesmo tempo em que o confirma. O filme em si, a proposta da pesquisa, coloca a sexualidade em discurso. Há um jogo de articulação dos dispositivos na regulamentação da sexualidade. Essas observações foram apontadas tanto na análise do grupo focal quanto nas cenas do filme. O que interessou colocar em discussão, não foi buscar uma realidade única e correta de ver e falar sobre as coisas, mas analisar o que é possível conhecer, desconhecer, pelas dimensões do dispositivo da sexualidade e do dispositivo pedagógico. O filme não é uma crítica ao dispositivo da sexualidade e nem mesmo à homossexualidade. É um convite a reencontrá-los entre tantos gestos e movimentos possíveis.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação; Homossexualidade; Cinema

**DELICADAS RELAÇÕES**  
**DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE**

**Ely Dolores Martini**

Não quis ser fácil,  
Fazer o que sei  
O que todos sabem fazer  
Quis mais  
Quis fazer o difícil  
O que não sei  
Algo mais  
Um bloco de incompreensão  
O catatau. (P. Leminski)

No trabalho que agora exponho, tomo como objeto de análise o filme “Delicada Relação” por ele dar visibilidade a um relacionamento entre dois homens, nascidos em uma situação específica de prestação de serviço no exército de um país em guerra do oriente médio. A intenção foi ver o filme como um dispositivo pedagógico com interesse de refletir questões da sexualidade, pela análise de cenas temáticas do filme e recepção, de um grupo focal com alunas do Mestrado em Educação da UNIVALI – Itajaí –SC. O objetivo desta análise é de identificar em que momentos o filme Delicada Relação, como dispositivo pedagógico, confirma ou resiste ao dispositivo da sexualidade, fazendo ver e a falar sobre sexualidade. E como os efeitos de verdade sobre a sexualidade foram construídos através dos tempos, repercutindo no espaço escolar. Uma delicada relação que faz ver e falar outra delicada relação: corpos que buscam espaços na educação.

Elegemos Foucault como o teórico mais importante de nossa pesquisa por causa do seu conceito de dispositivo da sexualidade envolvendo as relações de saber-poder. O saber - poder como uma expressão hifenada também foi uma novidade capaz de nos fazer olhar o objeto de outra maneira. No início da problematização, minhas posições ainda eram no sentido de confirmação da hipótese repressiva sobre a sexualidade. Aos poucos, os ensinamentos de Foucault revelaram-se produtivos para a análise do meu objeto e a nova problematização foi sendo construída.

Quando compartilhei com o grupo de pesquisa minha intenção de análise fílmica não tinha idéia das discussões que faríamos sobre o filme como um dispositivo

pedagógico, tal qual o conceito se apresenta em Larrosa (1994:57): “[...] qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”. Larrosa explicita que está derivando o seu conceito de dispositivo pedagógico diretamente do conceito de dispositivo de sexualidade de Foucault.

As discussões do grupo de pesquisa foram em boa parte dedicadas a outro dispositivo, derivado de Larrosa, mas agora voltado à mídia: era o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, desenvolvido por Fischer (2002). Com esses três conceitos estivemos envolvidos naquele semestre quando passei a entender o grupo de pesquisa também como um dispositivo pedagógico. Desde o momento em que declarei ao grupo minha intenção de pesquisa relacionada à análise fílmica, foram muitos os questionamentos sobre a legitimidade do filme como dispositivo pedagógico, e como tal, pertinente ao campo da educação.

Assim, buscamos em referencial literário estudos realizados na educação envolvendo o tema da sexualidade. Constatamos, nestes estudos, certo comprometimento da escola, amparados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em intervir na sexualidade dos alunos pelos caminhos que produzem comportamentos tidos como normais, atuando no modo preventivo. Uma preocupação com as funções biológicas. Os PCNs não problematizam a sexualidade fazendo relação à homossexualidade e heterossexualidade. O foco dos PCNs visa estabelecer parâmetros críticos à naturalidade do corpo, variações culturais e históricas, buscando educar o corpo que parte do incitamento do discurso sobre o sexo na escola.

A possibilidade de um filme com esta temática na educação pode fazer emergir maneiras de pensar, abrir-se para a transposição de conceitos de tal maneira que possam absorver, falar sobre a vida de si e para si. Quem sabe até buscar um “novo” aprender e desaprender sentidos e construir e desconstruir pensamentos transformando quem fala e quem ouve para se chegar-se a um único instante, o momento.

O título do filme informa tratar-se de uma relação delicada. Ao tomarmos o filme como objeto desta análise, entendemos que esta delicada relação, no seu todo, na sua existência, de alguma forma resiste ao dispositivo da sexualidade. O filme se apresenta como um movimento de resistência ao dispositivo da sexualidade, embora algumas cenas apontem para a confirmação do dispositivo. O filme não rompe definitivamente com o padrão da heteronormatividade, pois por um lado, se a experiência da relação homossexual

é uma resistência à norma heterossexual, por outro ela permanece na clandestinidade. E o filme em si, a proposta da pesquisa, a análise das cenas e do grupo focal, já vem colocar a sexualidade em discurso. Assim, observamos o jogo da articulação discursiva do dispositivo como armadilhas, redes que possibilitam resistências e confirmações do dispositivo da sexualidade. Um discurso que parece estar sempre buscando a regulamentação do sexo em determinada sociedade.

O desejo de tornar pública a relação homossexual não se concretiza nem mesmo depois da morte, bem como não expressa uma ruptura à homossexualidade, pois se percebe que o desejo é um padrão de relacionamento heterossexual socialmente consagrado. O jogo do dispositivo é envolvido pelo mito do silêncio que o reveste quando a categoria envolvida é a homossexual, pois o mito da anormalidade reforça este silêncio para que pareça impenetrável. Esta desmistificação é o que Foucault revela em sua “hipótese”, mostrando que o sexo não é silenciado, as formas de discurso sobre ele se multiplicam pelos diversos meios. Neste jogo, há também um discurso do retorno, onde a homossexualidade reivindica a sua naturalidade com a mesma categoria e vocabulário que o desqualifica. (GUIMARÃES, 2004:34-35-38).

No jogo do visível e dizível, o ver e o falar tanto da análise das cenas fílmicas como da conversação das mestrandas, abrem-se espaços de compreensões das relações entre as visibilidades que geram enunciabilidades presas aos regimes de controle da sexualidade, presas à sujeição.

De acordo com Foucault, estamos envolvidos em três tipos de luta na contemporaneidade. As lutas contra a dominação política, as lutas contra a exploração econômica e, por fim, as lutas contra a sujeição. São essas últimas, as lutas contra a sujeição, os abstratos universais das autonomias controladas pelas áreas de saber, também áreas do poder, que a análise faz pensar.

Foucault (1988:130) acredita que podemos atingir esta autonomia fora do proclamado, da passagem do poder para o biopoder, “*de fazer morrer e deixar viver*”, a soberania, o poder passa “*a fazer viver e deixar morrer*”, o biopoder/biopolítica.

O cuidado de si de que fala Larrosa no dispositivo pedagógico seria esse cuidado. O cuidado de afastar-se de certo poder cotidiano que classifica os indivíduos em categorias e que, nas palavras de Foucault (2004:658), “designa-os por sua individualidade própria, prende-os a sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é preciso neles reconhecer”.

A delicada relação exibida no filme traz esse cuidado de si e promove nova forma de subjetividade. O todo do filme produz este efeito de resistência ao dispositivo da sexualidade na medida em que uma relação delicada entre dois soldados se constitui em uma quebra de clichê sobre a maneira como o dispositivo da sexualidade pensa a homossexualidade. E por outro, confirma o dispositivo porque busca uma prática de domínio da heterossexualidade.

O Dispositivo pedagógico, tal como pensado por Larrosa (1994) a partir do dispositivo da sexualidade, encontra nos vocabulários pedagógicos muitos termos para indicar a relação do sujeito consigo mesmo. E, de fato, as teorias pedagógicas do desenvolvimento humano, sejam as baseadas em Piaget, sejam as históricas culturais de Vygotsky, estarão sempre interessadas na relação do sujeito consigo mesmo, a fim de levá-lo a um estágio de autonomia e independência.

A coleta de material discursivo/expressivo ancorou-se em experiências emergentes na interação grupal de valores básicos que subsidiam opiniões reveladas pelo grupo de discussão, um grupo de mestrandas que foram convidadas e se dispuseram a participar da pesquisa, assistindo a um filme para discutir e comentar sobre o tema deste estudo.

O monitoramento foi oferecer um clima sem formalidades, criando condições para que todas pudessem explicitar seus pontos de vista, fazendo críticas, abrindo expectativas diante da problemática da pesquisa. A discussão seguiu um roteiro semi-estruturado. A ênfase observada foi à interação estabelecida e as trocas efetivadas. O interesse não foi somente verificar o que as mestrandas pensam, mas porque pensam e o que pensam neste momento, pois se sabe que a todo instante mudamos nossas concepções. Tudo é questão de momento, portanto não há conclusões definitivas nem verdades únicas e sim várias formas de pensar e de construir subjetividades.

Semelhantes ao que ocorre com dados qualitativos nas pesquisas sociais, “não existe um modelo único e acabado de análise de dados para os grupos focais”. (GATTI, 2005:46). De tal modo, construímos um plano de análise das falas, destacando semelhanças e diferenças de opiniões. Relatos que venham ao encontro dos objetivos deste trabalho. Levamos em consideração as entonações, as expressões e os gestos na análise dos sentidos a partir das falas. Procuramos ressaltar o que nos pareceu relevante no grupo, os consensos, dissensos, as rupturas, as discontinuidades, os silêncios.

Destacamos opiniões da maioria e também da minoria pela relevância das explorações para a composição e confronto com as teorizações. No entanto, a forma de

estruturação foi flexível para provocar no grupo possibilidades de interações, a seqüência de trocas e condições contextuais nos processos de interação do grupo.

As opiniões e idéias que emergiam na discussão foram evidenciadas e processadas num coletivo, com intuito de observar mudanças, influências, acordos e desacordos que eram produzidos e se alteravam ao longo da conversa. É possível que com a proximidade de um grupo de discussão se possa perceber as diferenças e proximidades existentes entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem de fato. As articulações entre os entendimentos e sentidos revelados pelos participantes, inclusive quem monitora e analisa, podem ser vistos como qualidade e não como limitação, “porque podem emergir situações e discussões que ampliam o cabedal explicativo diante do problema em pauta” (GATTI, 2005:68, *Apud* MORGAN).

Os dados apontados sinalizam aspectos importantes da forma de ver e falar sobre o sentido que um filme pode provocar na prática educativa, ou seja, um dispositivo possibilitador de modos de pensar, de agir, de ver, de sonhar, vontade de saber, de viver.

No processo de análise, focalizo-me, sobretudo, no funcionamento dos dispositivos da sexualidade e pedagógico. A visibilidade, o ver e a enunciabilidade, o falar são e constituem saberes de um dispositivo, produtores genuínos de enunciados (e, por sua vez, de discursos). São estas curvas e regimes que fazem ver e dizer a sexualidade, a homossexualidade nas falas, na discussão do grupo de mestrandas.

O que me interessou colocar em discussão neste estudo não se baseia em buscar uma realidade única e correta de ver e falar sobre as coisas. Mas sim analisar o que é possível conhecer, desconhecer, ignorar pelas dimensões do dispositivo da sexualidade e do dispositivo pedagógico o filme *Delicada Relação*. Trazendo questões da sexualidade, a homossexualidade como uma nova ética de si, uma relação delicada entre tantas relações, uma vez que somos a diferença, como apresenta Deleuze:

[...] O diagnóstico assim entendido não estabelece a autenticação de nossa identidade pelo jogo das distinções. Ele estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras (DELEUZE, 1997:161).

Nós, educadores, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com situações absolutamente imprevisíveis, algumas trágicas, outras fascinantes, quase todas inexplicáveis. Mais do que nunca nos percebemos vulneráveis, sem qualquer preparo para enfrentar os choques e os desafios que aparecem de toda parte.

Podemos dizer que, de uma forma ou de outra, em alguma medida, todos nós temos um homossexual com quem nos relacionamos, e ele está dentro de nós. Ou o assumimos, rejeitamos, ou convivemos, sem que ele nos transtorne, uma vez que é algo que está dentro de nós e não algo que possamos simplesmente dizimar da face da terra. A questão central é a construção dos alicerces do poder, onde masculinidade ou feminilidade não fossem ameaçadas diante de seus padrões modelos de fertilidade. Então se o ser macho ou fêmea está sendo ameaçado, é porque estas categorias nunca foram assim tão cristalinamente definidas?

Quando alguém se assume homossexual, isso perturba a sociedade e seus membros individualmente. Por que a perturbação? Se estivermos firmes nas categorias masculinas e femininas que culturalmente definimos, porque preocupa tanto ainda? Ou a questão é trabalhar com o homossexual que existe dentro de cada um de nós?

Embora Foucault não privilegie a abordagem jurídica institucional, seu foco se centraliza na forma com que o poder penetra nos corpos e produz subjetividades. Por esse motivo, suas investigações voltam-se fundamentalmente para as técnicas políticas e as tecnologias do “eu”. E para esta vida, o que nos parece, não mais interessa o fazer viver ou morrer, mas a ética de sobreviver.

As lutas contra a sujeição que Foucault identifica como sendo as do nosso tempo e principalmente as relacionadas à homossexualidade não se resumem à reivindicação de igualdade jurídica ou à reivindicação da legitimidade por identidades verdadeiramente homossexuais, conforme esclarece Gros (apud FOUCAULT, 2004: 660). A verdadeira luta estaria em uma nova ética de práticas de si. Talvez na singularidade de uma relação delicada. Toca olhar a educação onde os corpos fazem ver e fazem falar e pensar para além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis. (LOURO, 2004:23). A idéia de que a vida de alguém pode ser criada como uma “obra de arte” abre a possibilidades de escolha de novas formas de experiência de si mesmo.

O filme não é uma crítica ao dispositivo da sexualidade e nem mesmo à homossexualidade, é um convite a reencontrá-los, entre tantos gestos, movimentos possíveis, leituras imagéticas. É um dispositivo pedagógico porque pode ir ou não à escola, não como sugestão de tema para estudo, mas como uma oferta de arte, um recurso para despertar a sensibilidade estética, enquadrando sentidos dentro e fora de padrões, possibilidades diversas em seus múltiplos sentidos.

O que nos interessou na análise do filme não foi à temática em si, mas o que esta arte pode nos oferecer através de novas formas de ver e sentir, novos olhares, uma vez que “temas de estudo a escola tem demais. [...] falta-nos deixarmos contaminar por outras formas de ver, sentir e ler a realidade” (ARROYO, 2003:127).

O filme trata com delicadeza e ternura a relação homossexual sem minorar a dimensão trágica, embora um precise morrer no final do filme, mas não é dramatizado, sensacionalizado, faz-se tudo no silêncio, na forma individualizada de pensar, de comportar-se diante da situação de dor. O ritual se faz no templo da subjetividade, a revelação de si para si mesmo, a celebração da vida na sua arte de viver.

O filme *Delicada Relação* apresenta uma sucessão de cenas singulares de sentidos, ausentes ou não no discurso das imagens da música e do silêncio. Aparece para ser visto em cada cena, o que já está o que pode ser visto e o que não pode ser visto no primeiro momento. A nudez da questão homossexual apresentada no filme é uma característica de tempo discreta e vem mostrada valorizando um cotidiano de uma comissão de soldados sem subterfúgios e por isso rompe com os clichês e nos faz pensar.

[...] Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através dos mecanismos complexos e positivos, da excitação e de incitação. (...) Diz-se que nenhuma sociedade teria sido tão recatada, que as instâncias de poder nunca teriam tido tanto cuidado em fingir ignorar o que interditavam, como se não quisessem ter nenhum ponto em comum com isso (FOUCAULT, 1988:49).

A relação entre as imagens que o filme exhibe nos tira do senso-comum; o comandante Yossi não chora diante e nem pela morte de seu companheiro e amor; sorri, através da lembrança do amado que vem em sua mente pela música, pela fotografia. Isso tudo nos faz pensar, estamos diante de um filme diferente! Um filme que faz parar, pensar, refletir. Dói ver uma morte do personagem; dói ver as ilusões da suposta namorada; dói ver a ignorância da mãe em relação ao filho; dói, por fim, ver o fim de uma relação de amor.

Uma rede de saberes proclamados pelo dispositivo da sexualidade se evidencia na pele que esfrega e roça, nos dedos que tremem, aquecem e machucam, nas palavras que nomeiam e revelam, nas emoções de duplo contato que libertam, alimentam, explodem, em um toque de si mesmo. Uma relação delicada, onde se prolongam ou se cortam

comentários, no sentido de engendrar novos tempos- espaços para avaliar a capacidade de resistência ou a submissão e controle.

Enfatizamos em nossas conclusões que um dos escapes das amarras do dispositivo da sexualidade, ou seja, a construção de uma identidade via sexualidade, é acionar as tecnologias de si. Isto é, criar as experiências de si mesmo, uma arte de seu viver, um cuidado de si, resistindo ao dispositivo da sexualidade e ao sexo-desejo.

Foucault, em sua ascese homossexual, recomenda que se deva construir uma nova forma de vida gay com bases na amizade, uma nova compreensão. Pois para ele a amizade é a forma de existência para se chegar a uma nova forma de existência mediante a sexualidade. Embora o foco de Foucault fosse à cultura homossexual em busca de um estilo de vida gay, que possa ser estendido a outros grupos. Com as práticas de si é possível alcançar uma ascese homossexual, a invenção de um modo de vida ainda improvável. Decisões sexuais, dimensões existenciais podem ser transformadas pela criação de formas de existência em um devir homossexual.

O cuidado de si como concerne Foucault, é um ponto de resistência contra o poder político para encontrar novas formas de subjetividade com as mudanças sociais mediante as práticas de si, não como um sujeito dócil.

Experimentar um devir homossexual à procura de alternativas novas para um direito relacional também pode ser conduzido pelos heterossexuais como formas possíveis de vida que não se esgotam na família ou no matrimônio. Estamos, sim, buscando a construção de existências produtoras de prazeres intensos e especiais, nas lutas contra a sujeição que esta análise faz pensar.

Os efeitos de verdade sobre a sexualidade, que foram construídos através dos tempos com repercussão no espaço escolar, foram observados nas discussões teóricas e confrontados com o filme “Delicada Relação”, no cuidado de observar em que momentos o filme pode ser considerado um dispositivo pedagógico que vem confirmar ou resistir ao dispositivo da sexualidade.

O filme como um dispositivo pedagógico permite pensar de outro modo, problematizando e construindo outras idéias, pois oferece opções de visibilidade de um relacionamento onde questões da sexualidade podem ser refletidas nas práticas pedagógicas. Um dispositivo que faz ver e falar sobre a arte cinematográfica, não como percepções e sim como perceptos e afectos porque está além de quem o produziu: “O que se conserva: a coisa ou a obra de arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de

‘perceptos e afectos’. Percepto ‘ é o que dura, afecto é o devir, o que muda, o que passa de um a outro, de uma coisa a outra, de um estado a outro. O percepto faz durar e o afecto faz passar’’. (DELEUZE; GUATTARI, 1997:213).

Nesta pesquisa analisamos um filme entre tantos possíveis, no entanto percebemos que, com este único filme, muitas são as possibilidades de criar. Não compreendemos tudo, longe disso, mas sentimos um movimento de vida diferente concebido pelo nosso movimento de pensamento que nos força a pensar.

Há sempre um jogo entre os dispositivos, uma delicada relação articulando-se. Redes de saber e poder que disparam, amarram, resistem às forças discursivas que consolidam verdades, ou abrem espaços para fugas de dominações, as quais procuramos identificar e teorizar.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Uma celebração da colheita**. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. 34 ed. São Paulo: 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa v.28 n.1 São Paulo jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso set.2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOX, Eytan (diretor). **Filme Delicada relação – Yossy Jagger**. Roteiro: Avner Bernheimer Produção: Amir Harel e Gal Uchovsky. *Distribuição*: Strand Releasing / Europa Filmes. Israel, 2002, (65 min).

GATTI, Bernardete A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Lider Livro, 2005.

GUIMARÃES, Dora Carmen. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação; estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.